

A mentalidade hitlerista: como se formou o ideário político nazista

Gabriel Saldanha Lula de Medeiros¹

Resumo: A ideologia nazista surgiu após a Primeira Guerra Mundial a partir de características políticas, econômicas, sociais e até mesmo científicas singulares da Alemanha naquele período. Por isso, o presente artigo tem como objetivo responder a seguinte questão-problema: “como se formou o ideário político nazista?”. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em livros e artigos científicos avaliados por pares e indexados, constituindo um trabalho de revisão bibliográfica de cunho qualitativo, que levará em conta também experiências vividas por Hitler antes deste se tornar político. Conclui-se, ao fim, que o ideário nazista foi construído a partir de alguns fatos como a humilhação alemã pós-guerra, a rejeição ao comunismo, a popularização de teorias pseudocientíficas pautadas no darwinismo social e a crença na superioridade da raça ariana.

Palavras-chaves: Ideologia nazista; Doutrina nazista; Origem do nazismo.

The hitlerist mentality: how the nazi ideology was formed

Abstract: Nazi ideology emerged after the First World War from Germany's unique political, economic, social and even scientific characteristics at that time. For this reason, this article aims to answer the following question-problem: "how was the nazi political ideal formed?" To this end, a search was carried out on books and scientific articles evaluated by peers and indexed, constituting a qualitative bibliographic review work, which will also take into account Hitler's experiences before he became a politician. It concludes, in the end, that the nazi ideology was built from some facts like the post-war German humiliation, the rejection of communism, the popularization of pseudoscientific theories based on social darwinism and the belief in the Aryan race.

Keywords: Nazi ideology; Nazi doctrine; Origin of nazism.

Introdução

Décadas após o fim do Terceiro Reich, este ainda continua sendo pauta de trabalhos jornalísticos, acadêmicos e culturais no mundo inteiro. Hitler e o nazismo empurraram o planeta na maior guerra de todos os tempos, produzindo o primeiro genocídio “industrializado” da história, responsável pelo extermínio de dois terços da população de judeus da Europa, e mais de 50 milhões de mortos em decorrência da guerra. Não há dúvidas, portanto, de que o Führer e a sua ideologia transformaram radicalmente a história do mundo de formas irreparáveis.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Especialista em Metodologia do Ensino de Geografia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER); Licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: gabriellula96_@hotmail.com

O Terceiro Reich era constituído por uma ditadura totalitária que desejava reconstruir a sociedade alemã a partir da conservação do sangue ariano, supostamente superior, criando a chamada *Volksgemeinschaft* (uma comunidade do povo pautada na pureza do sangue). Para isso, foi criada uma verdadeira máquina de propaganda que daria sustentação e legitimação ao regime, sendo os nazistas o primeiro grupo a utilizar o cinema como veículo para disseminação ideológica e legitimação de poder. Logo de início, opositores foram presos, partidos políticos fechados e Hitler ganhou no Parlamento o poder para governar por meio de decretos. Seus maiores objetivos eram uma Alemanha forte a partir da conservação do sangue ariano e a vingança contra os ganhadores da Primeira Guerra Mundial, com expansão territorial para o leste em busca de “espaço vital”. Neste período, leis e programas raciais foram colocados em prática, como a proibição do casamento entre alemães e judeus, a proibição para os judeus desempenharem algumas profissões como advogado e professor, o confisco de propriedades judaicas, tentativas de boicote aos comércios judaicos, e também a criação do esdrúxulo programa *Lebensborn*.

O nazismo, por sua vez, é uma doutrina que foge dos padrões quando se fala em ideologia política, sendo difícil a sua categorização, pois não é uma doutrina pautada somente em preceitos econômicos, mas também raciais e pseudocientíficos. Influenciado pelos contextos social e político da época, e também pela popularização de ideias envolvendo uma ancestralidade alemã de raça superior, Hitler desenvolveu uma ideologia complexa, pautada no nacionalismo, no anticomunismo e no antissemitismo.

Este artigo buscará, a partir de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo em livros e artigos científicos avaliados por pares e indexados, discutir a gênese da doutrina nacional-socialista tendo como base experiências pessoais de seu criador, Adolf Hitler, enquanto este ainda era jovem no interior da Áustria e posteriormente operário em Viena, experiências estas que contribuíram para a formação do ideário nacionalista e antissemita do *Führer*. Serão discutidos também os contextos político e social da Áustria na virada do século XIX para o século XX a partir das perspectivas de Hitler em *Mein Kampf* e as correntes pseudocientíficas responsáveis por popularizar o mito da raça ariana. Desta forma, busca-se elucidar a questão problema que conduziu a produção deste texto.

Métodos

Este artigo constitui uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo e tem como principal objetivo responder a seguinte questão-problema: “como se formou o ideário político nazista?”. Para tanto, foram utilizados livros e artigos avaliados por pares e indexados, tanto em língua portuguesa como em língua inglesa. Ao todo, foram utilizados 7 artigos científicos, 13 livros e/ou capítulos de livros, e 1 trabalho de conclusão de curso.

Como o presente texto utilizou-se de experiências pessoais do próprio Adolf Hitler que contribuíram para a formação de sua visão de mundo e, posteriormente, para a formação do ideário político nazista, uma das principais fontes bibliográficas foi o livro *Mein Kampf*, considerado a bíblia nazista, escrito em 1924 enquanto Hitler estava na cadeia após uma tentativa fracassada de golpe de Estado na Baviera. A partir destas leituras, serão levantados elementos e contextos sobre o nacionalismo, o anticomunismo, o racismo e o antissemitismo do criador da ideologia nazista.

Tabela 1 – Textos que fizeram parte da “Discussão” do presente trabalho.

Autores/Ano	Título	Publicação	Principais Resultados
COMAS, Juan (1951)	The racial question in modern science: racial myths.	Unesco Paris, United Nations. Educational, Scientific and Cultural Organization.	O mito da raça judaica foi utilizado durante séculos para justificar o preconceito e a discriminação nos campos político e econômico. Não há como identificar uma raça judaica propriamente dita, tendo em vista que as características físicas dos judeus são diversificadas.
GEARY, Dick (2010)	Hitler e o Nazismo	Editora Paz e Terra.	No período em que Hitler morou em Viena, 10% da população local era de judeus.
HEILBRONNER, Oded (2004)	German or nazi antisemitism?	In: STONE, Dan. The historiography of the holocaust. Palgrave Macmillan UK, p. 9-23.	A Alemanha não era um país antissemita até o fim da Primeira Guerra Mundial. De 1918 em diante, o antissemitismo, que era um fenômeno localizado em áreas rurais desde meados do século XIX, tornou-se um fenômeno nacional.
HITLER, Adolf (1925)	<i>Mein Kampf</i>	Discovery Publicações	Em virtude da presença de parlamentares estrangeiros, Hitler acreditava que o Parlamento austríaco era germanofóbico. Hitler acreditava que os judeus estavam por trás dos partidos de esquerda em virtude de uma suposta campanha antialemã com

			vistas a enfraquecer o Império. Além do mais, acreditava que a miscigenação entre raças superiores e inferiores provocaria o rebaixamento das primeiras na escala evolutiva, devendo ser evitada.
RICHARDS, Robert J (2007)	Ernst Haeckel's alleged anti-semitism and contributions to nazi biology.	The University of Chicago.	Darwin, no livro "A Origem do Homem e a Seleção Sexual" tratou a respeito de raças superiores e inferiores, e também colocava o homem como intelectualmente superior à mulher.
SZKLARZ, Eduardo (2014)	Nazismo: como ele pôde acontecer.	Editora Abril, São Paulo/SP.	Hitler emigrou da Áustria para a Alemanha na década de 1910 para não prestar o alistamento militar obrigatório em virtude da quantidade de imigrantes e judeus no exército austríaco.
STAHNISCH, Frank W. (2014)	The early eugenics movement and emerging professional psychiatry: conceptual transfers and personal relationship between Germany and North America.	CBMH/BCHM, Volume 31:1, p. 17-40, 2014.	Na virada do século XIX para o século XX, surgiram correntes científicas racistas pautadas no darwinismo social que defendiam a eugenia, pois, supostamente, seres degenerados, como deficientes físicos e mentais, estariam colocando em risco a saúde racial das raças superiores.
TEN HAVE, Wichert; VAN HAPEREN, Maria (2012)	The holocaust: 1933-1941-1945.	In: TEN HAVE, Wichert; BOENDER, Barbara. The holocaust and other genocides – an introduction. Amsterdam University Press.	Os judeus sofreram discriminação por diversos motivos ao longo da história. Por exemplo: foram acusados de serem os responsáveis pela crucificação de Jesus Cristo e de fomentarem o capitalismo e a industrialização que gerou uma onda de desempregados na Europa.
WEIKART, Richard (2013)	The role of Darwinism in nazi racial thought.	German Studies Review 36.3; German Studies Association.	O darwinismo social exerceu influência no pensamento nazista uma vez que os adeptos desta doutrina acreditavam na evolução da humanidade em diferentes raças, eles acreditavam também que os arianos haviam sobrevivido ao processo de seleção natural da Era Glacial.

Fonte: Dados da pesquisa.

De início, os “Resultados” trarão informações gerais a respeito da doutrina nazista e das ações do Terceiro Reich, a fim de contextualizar o objeto principal da discussão deste artigo. Em seguida, serão trazidos elementos da vida do próprio Hitler quando este era jovem na Áustria que contribuíram para a formação de sua visão política, além de informações sobre

correntes pseudocientíficas e racistas da época, extremamente populares e que se pautavam no darwinismo social para defender ideias de superioridade racial, como o mito da raça ariana.

Resultados

Para que possamos discutir a formação da visão de mundo nazista, faz-se necessário trazermos algumas informações gerais acerca deste ideário, ou seja, da ideologia nacional-socialista e do Terceiro Reich, para que tanto a doutrina quanto o governo nazistas sejam compreendidos e, posteriormente, dando maior entendimento para o que será debatido na seção “Discussão”.

Para início de conversa, o nazismo é uma ideologia nacionalista, anticomunista e antisemita. Em seu livro *Mein Kampf*, Hitler conta que um dos objetivos da doutrina seria a constituição de um Estado racista, cuja maior prioridade estaria na conservação e no progresso do sangue ariano. De acordo com ele, a humanidade seria composta por diferentes raças, umas superiores às outras, e a miscigenação conduziria as raças superiores a um “rebaixamento” na escala evolutiva da humanidade. As raças superiores teriam o dever de dominar e subjugar as inferiores, sendo, para ele, as chances de sobrevivência e evolução maiores para as primeiras. O contrário, em sua visão, seria contra a natureza e o próprio Deus. Os judeus, por sua vez, eram considerados os maiores inimigos do sangue ariano, por serem vistos como degenerados, indesejáveis, corruptores da superioridade racial alemã.

Neste sentido, o governo investiu na criação da “comunidade do povo”, a chamada *Volksgemeinschaft*: uma sociedade que não seria mais pautada em classes sociais, e sim na pureza do sangue, da raça, ou seja, o sangue alemão que une as pessoas é mais importante do que as diferenças de classe que as separam, criando uma “consciência racial”, descartando quaisquer interpretações marxistas sobre o assunto.

De acordo com Wildt (2014), o termo alemão *volk* significa “povo”, mas não se referindo a população em geral, e sim a uma nação, um povo enquanto etnia, raça, fisicamente semelhante, um “corpo coletivo”. O termo logo foi adotado pelo governo do Reich, que utilizava também essa noção de *Volksgemeinschaft* com a intenção de criar um sentimento de identidade, de pertencimento a uma nação cujo passado era grandioso, de ancestrais superiores e de sangue puro. Era também uma estratégia de legitimação de poder frente à população, tendo em vista que o regime era totalitário e antidemocrático. A construção desta nova comunidade

não incluía grupos humanos indesejáveis, como judeus, gays, ciganos, negros e deficientes físicos e mentais. Esta concepção de comunidade do povo tendo como base a pureza do sangue e da raça encontrou respaldo nas teorias do darwinismo social de evolução das raças consideradas superiores.

Para excluir os indesejáveis da vida pública do Reich, os militantes nazistas e o Estado empreenderam medidas como a queima de livros judaicos e comunistas, e programas de esterilização forçada e de eutanásia para pessoas com doenças hereditárias e doentes irreversíveis, além de episódios de violência urbana.

Entre os meses de fevereiro e maio de 1933, após a nomeação de Hitler para o cargo de chanceler pelo presidente Paul von Hindenburg, estudantes universitários organizaram queimas de livros considerados “não-alemães”, como obras judaicas e comunistas, sob o pretexto de “purificar” a cultura alemã. Os atos aconteciam após estudantes saquearem bibliotecas públicas e montarem grandes fogueiras de livros, como um “expurgo”. No dia 10 de maio de 1933, cerca de 25 mil livros foram queimados em várias cidades do país. O ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, compareceu ao “evento” em Berlim, discursando perante 40 mil pessoas (BRASIL, 2016).

Em 1 de janeiro de 1934, começou a vigorar a Lei de Esterilização (Lei Para a Prevenção de Doenças Hereditárias), que previa a castração forçada de pessoas com doenças hereditárias sob o argumento de que elas não poderiam gerar filhos que fossem um “fardo” para a sociedade e para o Estado. Argumentava-se sob o ponto de vista econômico, de que o governo gastava muito para cuidar das pessoas doentes, inclusive com atividades escolares para crianças e jovens que pediam cálculos da quantidade de dinheiro gasto pelo governo com pessoas doentes, como uma forma de convencer a população e legitimar as ações do Estado.

A legislação, por outro lado, foi aplicada de forma arbitrária e muitas pessoas que não tinham doenças hereditárias foram castradas, uma vez que eram consideradas indesejáveis para a comunidade do sangue puro, pois poderiam colocar em xeque a superioridade da raça ariana, dentre elas: esquizofrênicos, depressivos, epiléticos, pessoas com cegueira e surdez hereditárias, além de deficiências físicas e mentais. Pessoas que tinham comportamentos reprováveis pelo regime nazista eram consideradas “deficientes morais” e também foram esterilizadas compulsoriamente, como prostitutas, alcoólatras e criminosos comuns. Famílias eram obrigadas a entregar os seus doentes para os tribunais de esterilização, assim como médicos também deveriam entregar seus pacientes, caso contrário, corriam o risco de ser impedidos de desempenhar a profissão.

Os pacientes, por outro lado, também poderiam pedir a sua própria castração (ALBUQUERQUE, 2008). Estimativas dão conta de que foram esterilizadas compulsoriamente entre 260 e 360 mil pessoas.

Em 1939, começou a funcionar o *Aktion T4*, o programa de eutanásia para doentes irreversíveis que estavam internados em hospitais, após Hitler receber uma carta dos pais de uma criança cega e doente pedindo uma “morte misericordiosa” para o filho. Os médicos encaminhavam os pacientes para centros de eutanásia onde estes, a princípio, eram mortos por injeções letais, porém, em virtude do aumento no número de pacientes, passaram a ser utilizadas câmaras de gás. Estas, a propósito, foram utilizadas pelos nazistas pela primeira vez no *Aktion T4*, servindo de referência para as câmaras de gás dos campos de concentração onde morreram cerca de 6 milhões de judeus durante o Holocausto, entre 1941 e 1945. As famílias eram notificadas das mortes apenas após a cremação dos corpos. O programa foi encerrado em 1941, após padres denunciarem nas igrejas, durante as missas, o projeto de eutanásia. Por isso, alguns membros da Igreja Católica chegaram a ser visitados pela Gestapo, a polícia secreta do Terceiro Reich. Estima-se que cerca de 70 mil pessoas foram eutanasiadas pelo *Aktion T4* (ROLAND, 2015).

Com o objetivo de “arianizar” a população, em virtude da crise demográfica que vivia a Alemanha na época, o chefe da guarda de elite do Partido Nazista, Heinrich Himmler, criou na década de 1930 o programa *Lebensborn*, cuja tradução significa “fonte da vida”. Este programa consistia em acolher mães solteiras para que estas não abortassem seus filhos, uma vez que o estigma da mãe solteira era socialmente visto como algo negativo e reprovável. As participantes do programa, por outro lado, tinham que ter características físicas arianas e não serem descendentes de judeus, devendo comprovar a sua ascendência (OELHAFEN e TATE, 2017).

Eram recrutadas mulheres jovens, principalmente na Liga das Moças Alemãs (organização compulsória da juventude feminina onde recebiam educação voltada para os valores nazistas), sob pretexto de darem um filho para a Alemanha, tendo em vista que a educação da época colocava as mulheres nos papéis de donas de casa e mães de uma nova geração de bebês arianos. As jovens, então, seriam apresentadas aos homens da SS, a guarda de elite do Partido Nazista, com quem teriam relações sexuais para gerar filhos arianos. Os bebês do *Lebensborn* eram, então, adotados nas casas de adoção do programa, geralmente propriedades confiscadas de judeus, por casais alemães (GRUNBERGER, 1970).

Posteriormente, soldados alemães da SS começaram a sequestrar crianças com características físicas arianas para serem levadas para as casas do programa, em território alemão, onde seriam adotadas e contribuiriam para a criação dessa nova geração de sangue puro. Algumas estimativas dão conta de que até 200 mil crianças podem ter tido envolvimento com o *Lebensborn*. A maioria delas pode não saber que fez parte desse programa ou que foram sequestradas de seus pais e retiradas de seu país de origem.

Por fim, no que se refere às questões raciais, é imprescindível tratar a respeito dos judeus. Pouco após a nomeação de Hitler, ataques urbanos feitos pela SA foram registrados contra opositores do nazismo, mas também contra judeus, sem motivação aparente, apenas baseando-se no sentimento antissemita disseminado pela ideologia nazista. Segundo Burrin (1990), nesses ataques, foram registradas 45 mortes e centenas de feridos. Em seguida, a nova legislação proibia que pessoas de origem judaica ocupassem cargos públicos, e as crianças foram proibidas de frequentar escolas públicas alemãs. Neste ínterim, livros judaicos estavam sendo queimados em várias partes do país, por estudantes simpáticos ao nacional-socialismo, como já retratado. Estas medidas visavam afastar essas pessoas da vida pública alemã. Um exemplo notório da repressão é o caso do ganhador do Prêmio Nobel de Física de 1921, o cientista alemão Albert Einstein, que era judeu e teve sua propriedade confiscada ainda em 1933, se mudando para a Bélgica e, ao fim daquele mesmo ano, para os Estados Unidos (DOBKOWSKI e WORTMAN, 2009).

Em resposta aos atos de repressão propagados por militantes nazistas e pelo próprio Estado alemão, os judeus ao redor do mundo aderiram a um boicote às importações alemãs, mas que provocaram pouco impacto na economia do país. Isto foi o suficiente para que o governo estimulasse um boicote ao comércio judaico no Reich (WEISS, 1998). Mas as coisas não pararam por aí. Em 1935, foram promulgadas as famosas leis antissemitas conhecidas como as Leis de Nuremberg que, entre outras coisas, proibia o casamento e a relação sexual entre alemães e judeus, para a proteção da pureza do sangue ariano. A legislação tinha os judeus a partir de suas árvores genealógicas, e não a partir de suas crenças religiosas. Quem tinha os 4 avós alemães, era considerado alemão. Porém, aqueles que tinham 1 ou 3 avós judeus, eram considerados mestiços, e aqueles que tinham os 4 avós judeus, era considerado igualmente judeu, ainda que o sujeito tivesse optado por uma outra religião. Era uma visão “biológica” do judaísmo.

A situação começou a piorar, definitivamente, a partir de 1938, com os eventos da *Anschluss* (anexação da Áustria) e a *Kristallnacht* (a Noite dos Cristais). Após um referendo

em que a população da Áustria decidiu anexar o país à Alemanha, os judeus residentes em território austríaco tiveram suas propriedades confiscadas e foram violentamente expulsos em direção às fronteiras dos territórios vizinhos. Sabendo que essa situação havia se abatido sobre sua família, um jovem austríaco de origem judaica residente na França assassinou um diplomata alemão no país. Este ato de vingança gerou revolta no governo nazista, que promoveu uma verdadeira onda de violência contra judeus e propriedades judaicas em todo o território do Reich, com espancamentos, depredações, incêndios, prisões e até assassinatos. O evento conhecido como Noite dos Cristais ocorreu na noite do dia 9 e na madrugada do dia 10 de novembro de 1938. Ao todo, foram 91 pessoas mortas, 30 mil presos, 22 suicídios só em Viena, e entre 1300 e 2000 sinagogas queimadas ou destruídas, além de 700 comércios vandalizados e inúmeras escolas destruídas (DOBKOWSKI e WORTMAN, 2009).

Com a invasão da Polônia, de início, muitos judeus foram expulsos em direção à fronteira soviética. Posteriormente, após junho de 1941, com a invasão alemã em território soviético, os nazistas perceberam que parte significativa das pessoas expulsas por eles estavam novamente sob seus domínios. O povo judeu, tido como maior inimigo da raça ariana por motivos que serão trabalhados aprofundadamente na seção seguinte, foi encaminhado aos campos de concentração para morrer nas câmaras de gás. Em 1940, os guetos foram construídos em cidades polonesas para segregar os judeus, facilitando o processo de deportação forçada. Após 1941, as pessoas reunidas nesses guetos eram mandadas de trem para os campos de concentração (BURRIN, 1990).

Ao todo, estima-se que foram mortos 6 milhões de judeus no Holocausto, o que corresponde a dois terços da população judaica da Europa na época.

Do ponto de vista político e ideológico, a esquerda em geral (comunistas e social-democratas), por sua vez, era tida como rival do nacionalismo hitlerista, tornando os políticos e partidos de esquerda os primeiros alvos da repressão estatal já em 1933, pouco depois de Hitler assumir o cargo de chanceler da Alemanha. O presidente Paul von Hindenburg, aliás, já havia nomeado o líder nazista para o cargo de chanceler visando conter o avanço comunista no Parlamento e amenizar as tensões sociais, principalmente advindas da crise de 1929, uma vez que Hitler era um político popular.

Segundo Evans (2010), menos de um mês depois de assumir o cargo, as tropas de assalto do Partido Nazista, conhecidas também como SA, protagonizaram eventos de violência urbana contra social-democratas e comunistas, principais rivais políticos do nacional-socialismo, com prédios e sindicatos atacados, além de reuniões partidárias invadidas. Por não

ter conseguido maioria parlamentar nas eleições de março de 1933, o Partido Nazista costurou um acordo com o Partido Católico de Centro, aprovando no Parlamento a Lei de Plenos Poderes, dando a Hitler o direito de governar através de decretos, de forma autoritária. Em seguida, a nova legislação previa o Partido Nazista como sendo a única agremiação legal na Alemanha (FEST, 2006).

O incêndio do Reichstag (o parlamento alemão), em 27 de fevereiro de 1933, menos de um mês depois da nomeação de Hitler para o cargo de chanceler, por um militante comunista, foi o pretexto perfeito que a cúpula do Partido Nazista estavam desejando para voltar toda a artilharia e a repressão do Estado para cima dos comunistas. Naquela noite, 4 mil pessoas foram presas, sob o falso argumento de que aquele incêndio era o princípio de uma insurreição contra o governo. Parte da população, temendo uma revolução comunista como havia acontecido na Rússia em 1917, apoiou os atos de repressão (RABINBACH, 2008).

A oposição ao comunismo era algo tão visceral na ideologia hitlerista que, em 1934, um grupo de homens da SA foi assassinado sob ordens do próprio Hitler em um verdadeiro expurgo, pois havia uma ala desta organização que simpatizava com políticas de esquerda, como a reforma agrária. Dentre os adeptos dessa visão progressista, encontrava-se Ernest Röhm, o líder das tropas de assalto. O expurgo teve o apoio do presidente Hindenburg e de parte expressiva da população alemã e de militantes nazistas (GHIRELLI, 2003).

Para o autor Philippe Burrin (1990), a expansão territorial ao leste em busca de “espaço vital” e a invasão da URSS a partir de 1941 era mais do que um simples plano expansionista: era também a luta entre os dois inimigos políticos e ideológicos, nazismo e comunismo, onde a intenção era subjugar os comunistas e mostrar a suposta superioridade nazista. Tanto é assim que, em virtude da invasão, houve ordens para que fossem efetuadas prisões dos líderes soviéticos e de pessoas pertencentes ao *status quo* comunista.

Agora que foram trazidas informações relevantes acerca do ideário político nazista, da ideologia e das ações do governo do Reich, especialmente dos pontos de vista racial e político, a próxima seção buscará analisar a formação desse ideário, dessa visão de mundo nacional-socialista que embasou todas as ações discutidas até o presente momento.

Discussão

Esta seção se dedicará ao estudo dos elementos que formaram a doutrina nazista, a fim de responder a questão-problema que norteou a produção deste artigo. Para isso, o objeto central

da discussão será as suas experiências de Adolf Hitler enquanto jovem estudante e operário na Áustria. A principal fonte bibliográfica utilizada será *Mein Kampf*, obra escrita pelo próprio Hitler em 1924, enquanto esteve preso em virtude de uma tentativa de golpe de Estado na Baviera, quando ele ainda era um simples agitador político naquela região. Este livro é considerado uma espécie de autobiografia, mas também a bíblia da ideologia nazista, uma vez que essa obra traz os primeiros e principais fundamentos da doutrina, que dizem respeito ao nacionalismo, a superioridade da raça ariana e o antissemitismo, e, por fim, o anticomunismo, como veremos a seguir.

Adolf Hitler nasceu em uma pequena cidade chamada Braunau am Inn, na Áustria, em abril de 1889. Quando criança, seu pai, que era funcionário público aduaneiro, desejava que ele seguisse carreira no funcionalismo e o matriculou em uma escola profissionalizante, para desgosto do menino, que nutria o desejo de ser artista ou arquiteto. Em *Mein Kampf*, ele conta que foi a partir do contato que teve com livros que seu pai possuía sobre guerras das quais a Alemanha e a Áustria haviam participado, e das aulas ufanistas do seu professor de história na escola profissionalizante, o professor Leopold Poetsch, que nasceu o seu primeiro raio de sentimento nacionalista. Ele chega a dizer que, aos 15 anos, já era um nacionalista convicto. Faz-se importante compreender que, em sua visão de mundo, Alemanha e Áustria constituíam um povo só, uma só nação, e que deveriam ser um mesmo Estado a abrigar toda a população germânica. Esta visão tem fundamento no primeiro grande império alemão, também conhecido como Primeiro Reich (ou Sacro Império Romano-Germânico) que havia durado mil anos e compreendia os dois países, e também no fato desses países serem pátrias germânicas, culturalmente semelhantes.

Quando adolescente, Hitler desaprovava o governo do Império Austro-Húngaro por causa da grande quantidade de imigrantes que havia em seu território, o que gerava muito preconceito e xenofobia por parte de germânicos nacionalistas. Posteriormente, quando tornou-se operário em Viena após tentativas fracassadas de ingressar para a escola de arquitetura, Hitler teve experiências pessoais narradas em *Mein Kampf* que, sem dúvida alguma, contribuíram para a construção de sua visão de mundo e, depois, para a construção do ideário político nazista. Este tempo em que passou na capital do Império Austro-Húngaro, aliás, foi quando ele formou suas primeiras convicções anticomunistas e racistas, sendo um período decisivo para a formação da sua consciência política.

Em Viena, em virtude da presença de vários povos e culturas, Hitler desenvolveu e firmou uma mentalidade racista e xenofóbica. Para se ter uma ideia, de acordo com Geary

(2010), naquele período, cerca de 10% da população naquela cidade era de judeus. O jovem Adolf acreditava que o “aglomerado étnico” que existia naquele lugar era uma “força centrífuga” da superioridade e do poder germânico, uma vez que, em sua visão, a “célula germânica” era o que dava estabilidade ao Estado. Por causa da considerável quantidade de parlamentares estrangeiros na Áustria, Hitler acreditava que a democracia não havia dado certo, o que colocava em risco a soberania do povo austríaco. Assistindo a várias sessões plenárias, percebeu que muitos parlamentares sequer falavam alemão, algumas vezes até falando dialetos próprios. Ele entendia que, por meio da democracia, os interesses nacionais estavam sendo traídos.

Outro ponto que o fez desgostar da democracia e da representação popular foi a crescente participação dos judeus em partidos de esquerda. Além do mais, em uma democracia, ele acreditava que as pessoas raramente poderiam ser culpadas pelos erros que ocorressem, uma vez que as decisões eram tomadas em grupo. Em sua visão, faltava um princípio de liderança (o que mais tarde ficara conhecido dentro do Partido Nazista como *Führerprinzip*). Em suma, sua visão a respeito da política austríaca e da crescente participação de estrangeiros e judeus era de que o Parlamento era uma casa “adúltera”, muitas vezes germanofóbica, e que a “célula germânica” só poderia ser salva a partir da superação deste modelo. Constitui-se, portanto, a mentalidade racista de Adolf Hitler em seu ideário político. Inclusive, de acordo com Eduardo Szklarz (2014), Hitler emigrou da Áustria para a Alemanha para não se apresentar ao exército austríaco no alistamento obrigatório, dada a quantidade de imigrantes e descendentes de imigrantes na corporação, além dos judeus. Para ele, a Áustria estava se degenerando, ocorrendo um processo de “desgermanização”.

Um fato importante sobre a juventude de Hitler é a sua admiração pelo compositor alemão Richard Wagner, assistindo aos seus espetáculos na ópera com frequência. A obra de Wagner é conhecida por ter um caráter ufanista, antissemita e também por popularizar as correntes pseudocientíficas de superioridade racial iniciadas nos anos de 1800. O mito da raça ariana dizia respeito a uma ancestralidade de super homens, com qualidades físicas e intelectuais superiores, louros e de olhos azuis. A arte daquela época, sem sombra de dúvida, ajudou a propagar esse mito que pautava-se na falsa premissa da existência de raças superiores e inferiores. Algumas ideias, inclusive, davam conta que de os arianos originais seriam deuses nórdicos, como Odin e Thor, que se misturaram com a raça humana, das quais os alemães seriam descendentes. Parte significativa da população, especialmente na Alemanha e na França,

país onde surgiram os primeiros “estudos” a respeito da suposta raça ariana, foi influenciada por esse pensamento.

Quando se mudou para Vienna, após a morte de seus pais, o contato de Hitler com essas ideias disseminadas especialmente por meio da cultura e do jornalismo de baixa credibilidade se intensificou ainda mais.

O antropólogo Juan Comas (1951) discorre acerca da origem dessas teorias pseudocientíficas. De acordo com ele, ainda no fim dos anos 1700, alguns escritores apontaram para o fato de que as semelhanças entre as línguas germânica, latina, celta, grega e sânscrita poderiam ser originadas a partir de uma civilização ancestral em comum, que foi chamada de “indo-europeia”. Somente nos anos de 1860, estudiosos passaram a estudar uma suposta civilização denominada Arya, que falava sânscrito e que teria se espalhado pela Europa, chegando até a região da Índia. Este povo, então, foi considerado o ancestral do indo-europeu e deu origem ao nome “ariano”, que passou a ser designado para chamar esta suposta civilização/raça superior.

Esta teoria se espalhou pela França e pela Europa, paralelamente aos estudos do darwinismo social, pautado nos estudos de Darwin sobre a evolução das espécies. Na França, o escritor Arthur de Gobineau escreveu que o sangue ariano havia sido o responsável pelas grandes conquistas da humanidade, chegando a dizer, inclusive, que o desenvolvimento da civilização chinesa era devido à presença do sangue ariano.

Muitos pesquisadores, como antropólogos, buscaram fazer pesquisas para sustentar os seus pontos de vistas acerca da superioridade da suposta raça ariana. Vale ressaltar, por outro lado, que muitos desses pesquisadores (como é o caso do próprio Arthur de Gobineau), faziam parte de classes sociais superiores, da elite, e que na maioria das vezes buscavam apenas uma forma de legitimar sua posição social e seu prestígio, o que por si só já é o suficiente para considerar todos esses argumentos como pseudocientíficos. Segundo o autor, as pesquisas davam conta de que os homens de Arya eram louros, de olhos azuis e tinham até as mãos grandes. Os escritos chegavam ao cúmulo de descrever características como inteligência precisa, agressividade natural, espírito de independência, senso de responsabilidade, virilidade e nobreza nata, constituindo a “aristocracia humana” do ponto de vista da evolução das raças.

Além disso, chegavam a dizer que alguns personagens importantes da história mundial eram arianos, como Julio César, Galileu, Leonardo Da Vinci e outros.

Por fim, os estudos antropológicos davam conta até do formato da cabeça dos arianos: dolicocefalos, ou seja, tinham um crânio menor e o rosto mais fino. Por outro lado, para Comas

(1951), essas pesquisas apontam resultados contraditórios, uma vez que existe um grande número de negros dolicocefalos, lançando a questão se os negros também deveriam ser considerados superiores, o que seria contraditório para as correntes do darwinismo social. Todas essas pesquisas, na verdade, constituem uma grande “xaropada” pseudocientífica.

Os maiores veículos de divulgação dessas correntes foram as artes e as revistas, peças teatrais como as de Richard Wagner, revistas formadas por pessoas que acreditavam ser descendentes de super homens com grandes habilidades, na maioria das vezes sem grande credibilidade no meio jornalístico (ou mesmo sem que os organizadores fossem sequer jornalistas), como é o caso da Revista Ostara, da qual Hitler era leitor. Hitler, aliás, inspirado nesses pensamentos, chegou a escrever em *Mein Kampf* que a miscigenação entre raças superiores e inferiores produziria serem medianos, involuídos, conduzindo a humanidade à decadência, e que tal prática deveria ser evitada.

Com relação às correntes do darwinismo social, extremamente populares inclusive em âmbito acadêmico desde meados dos anos de 1800, o autor Richard Weikart (2013) aponta algumas semelhanças com a ideologia nazista, que, além dos nazistas acreditarem na evolução da humanidade em diferentes raças, eles acreditavam também que os arianos haviam sobrevivido ao processo de seleção natural da Era Glacial, como Hitler chegou a defender em um discurso de abril de 1920². Assim como os estudos de Darwin, Hitler também acreditava na força da hereditariedade. O processo de evolução humana seria também responsável, do ponto de vista do darwinismo social e do nazismo, pela evolução desigual entre as raças humanas, sendo a seleção natural responsável pela sobrevivência dos mais fortes. Os nazistas descartavam as interferências do meio no processo evolucionista, descartando a Lei do Uso e Desuso, do naturalista Lamarck. Estas correntes, nos dias atuais, são absolutamente descartadas no mundo acadêmico por não encontrarem respaldo em produções científicas serias, além de terem servido para legitimar discursos opressores e atos de violência ao longo dos últimos anos. Todavia, a popularidade dessas questões era tamanha, que foi responsável pelo apoio de muitos intelectuais ao Partido Nazista.

O trabalho de Darwin passou a ser interpretado do ponto de vista racial e social por alguns intelectuais a partir da década de 1860, abrangendo áreas científicas que iam desde a geografia até a medicina. Para Robert J. Richards (2007), o próprio Charles Darwin, no livro “A Origem do Homem e a Seleção Sexual”, fazia a sua própria hierarquia entre as raças humanas e também colocava o homem como intelectualmente superior às mulheres. O

² <https://carolynyeager.net/why-we-are-antisemites-text-adolf-hitlers-1920-speech-hofbräuhaus>

antisemitismo, por sua vez, praticamente não era encontrado nos trabalhos social darwinistas da época. Um famoso exemplo é o trabalho racista do biólogo alemão Ernest Haeckel, que colocou os homens caucasianos no topo da evolução humana junto com os judeus. Por outro lado, de acordo com o autor, Haeckel era exaltado pela propaganda nazista como uma forma de legitimar as ações do governo e a própria ideologia no que diz respeito às supostas diferenças evolutivas das raças humanas. A visão de Hitler e dos nazistas a respeito dos judeus tem mais a ver com o contexto social e político da época, o que findou por fazer com que aqueles vissem estes como uma raça degenerada.

Conforme Stahnisch (2014), na virada do século XIX para o século XX, surgiram as correntes que defendiam a eugenia e a proibição da reprodução das raças consideradas inferiores ou degeneradas, tendo como um dos expoentes dessas correntes o alemão Alfred Ploetz, que acreditava que a “saúde racial” era colocada em risco por pessoas indesejáveis, como os deficientes. A higiene racial era vista como uma forma de melhorar as raças humanas. Para o autor, o estereótipo racial ideal era o do homem nórdico: branco, alto, louro e com olhos claros.

Com relação aos judeus, Juan Comas (1951) diz que os judeus têm sido vítimas de ódio e preconceito em vários países e em várias épocas, citando como exemplos a expulsão da Espanha no século XV e a segregação na Europa central durante a Idade Média. Para que a discriminação fosse justificada no campo político, foi investido na criação de um “mito da raça judaica”. Todavia, segundo o autor, não há como distinguir as pessoas da “raça” judaica, já que elas têm traços físicos imprecisos, principalmente por causa da miscigenação em diversas partes do mundo, em especial na Europa e no norte da África, sem contar nas pessoas nascidas em outras religiões e que se converteram ao judaísmo, não sendo possível identificar um judeu tendo como premissa apenas o estereótipo da pele branca, do nariz pontudo e dos cabelos negros. Portanto, para ele, o mito da raça judaica baseia-se em premissas biológicas falsas.

Desde o advento do cristianismo, a comunidade judaica tem sofrido discriminação. De acordo com Ten Have e Van Haperen (2012), os judeus foram acusados de ter crucificado Jesus Cristo e de serem os fomentadores do capitalismo e da industrialização que gerou uma grande onda de desempregados na Europa. Após a Primeira Guerra Mundial, não foi diferente, pois grupos conservadores e nacionalistas passaram a acusá-los de serem responsáveis pelos problemas da Alemanha. Inclusive, Adolf Hitler, em *Mein Kampf*, diz que os partidos de esquerda, os sindicatos e parte da imprensa da Alemanha eram comandados por judeus, que investiam em propagandas antialemãs com objetivos de enfraquecer o Império e facilitar a

expansão dos negócios judaicos a partir da descentralização da economia com o advento da república. Até a greve geral que paralisou a produção bélica alemã durante a Primeira Guerra foi colocada na conta dos judeus por Hitler.

De acordo com Heilbrunner (2004), a Alemanha não era um país severamente antissemita até o fim da Primeira Guerra, em 1918. Somente com as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes e o aprofundamento das crises política, social e econômica, ideias conservadoras começaram a ganhar maiores proporções e, com isso, o antissemitismo que desde meados do século XIX era um fenômeno localizado em áreas rurais do país, alastrou-se para todo o território nacional, muito embora a maioria da população se preocupasse com outras questões, como o desemprego e a hiperinflação. Tanto é assim que, durante a República de Weimar, o Partido Nazista abordava questões políticas anticomunistas e econômicas contra o desemprego e a inflação, deixando o antissemitismo em segundo plano, sendo uma questão levantada com mais frequência a partir da nomeação de Hitler ao cargo de chanceler em 1933. De qualquer forma, a partir de 1918, a narrativa de que os judeus eram opressores do povo alemão ganhou mais força do que nunca.

Para compreendermos a questão do antissemitismo de maneira mais aprofundada na doutrina nazista, faz-se importante visitarmos os escritos de Hitler em *Mein Kampf* sobre seu ponto de vista pessoal e suas experiências envolvendo a questão. De acordo com o jovem Adolf, por causa da grande quantidade de judeus em Viena naquela época (cerca de 10% da população local era judaica) e a força do movimento sionista, ele logo começou a notar as diferenças entre os germânicos e os semitas.

Hitler narra que, em alguns momentos, chegou a sentir enjôos com o mau cheiro de alguns judeus que conheceu, além de apontar que, supostamente, estes estariam envolvidos no mercado da prostituição, o que considerava ser uma imoralidade. Entretanto, o maior dos argumentos para o antissemitismo hitlerista estava na suposta atuação judaica em partidos de esquerda, sindicatos e na imprensa com a propagação de ideias antialemãs com fins de expandirem os seus negócios a partir do enfraquecimento do Império e do advento de uma república democrática.

Ressalta-se, porém, que não há evidências concretas na historiografia que corroborem com esse ponto de vista extremamente pessoal de Hitler sobre um suposto plano contra a Alemanha, sendo esta ideia mais semelhante a uma teoria da conspiração. A ideia ganhou ainda mais força em sua cabeça quando houve o golpe em novembro de 1918 que culminou com o advento da República a partir de um acordo entre militares revoltosos e o Partido Social-

Democrata, de esquerda, que, supostamente, sofria influência do pensamento judaico e antialemão. Junta-se isso à questão das teorias racistas de hierarquização racial, compreende-se os motivos pelos quais Hitler e os nazistas colocavam os judeus como uma raça degenerada que não poderia se misturar com o sangue puro ariano. Este povo, então, junto com os esquerdistas, tornou-se um dos maiores inimigos dos nazistas.

Por fim, compreende-se que a base da ideologia racial do nacional-socialismo, portanto, é uma combinação entre pseudociência racista, darwinismo social, antissemitismo e paganismo nórdico, uma vez que algumas alas do Partido Nazista acreditavam que os arianos seriam descendentes dos deuses nórdicos da era pré-cristã.

Considerações finais

A partir da construção desta revisão bibliográfica qualitativa, pode-se concluir que as bases nacionalistas, racistas, antissemitas e anticomunistas de Hitler começaram a ser construídas ainda quando ele era adolescente, lendo os livros que seu pai possuía sobre as guerras das quais Alemanha e Áustria haviam participado, além das aulas ufanistas do professor de história Leopold Poetsch. Posteriormente, em Viena, trabalhando como operário e pintor, Hitler começou a ter maior contato com a produção cultural que disseminava as correntes do darwinismo social e da pseudociência que defendia a existência de uma suposta raça superior das quais os germânicos seriam descendentes.

Apesar de tais correntes não serem propriamente antissemitas, Hitler nutria desprezo pelos judeus por acreditarem que estes estavam por trás de iniciativas antialemãs dos partidos de esquerda e dos sindicatos, com vistas a expandir os seus negócios através do estabelecimento de um novo regime democrático, menos centralizador como era o Império Alemão. Acreditava, também, que os judeus eram responsáveis pela greve geral que culminou com a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e também pelo advento da República de Weimar, tendo em vista que a revolução se deu a partir de um acordo entre os militares revoltosos e o Partido Social-Democrata, que Hitler alegava haver sofrido influência dos pensamentos judaicos. Em sua visão, a comunidade judaica seria responsável pelos grandes problemas que assolaram a Alemanha entre 1918 e 1933, como a queda do Império, a hiperinflação e o elevado desemprego. Segundo ele, os partidos de esquerda e os sindicatos argumentavam que o

nacionalismo era um instrumento da classe burguesa para explorar a classe trabalhadora, o que ele não concordava.

Por fim, pode-se dizer que a ideologia nazista formou-se a partir da mistura de elementos peculiares que permitiram a construção da visão política de Adolf Hitler quando este ainda era jovem em seu país de origem, a Áustria. Esta mistura consiste em: pseudociência, paganismo nórdico e preconceito contra os judeus.

Referências

ALBUQUERQUE, Roberto Chacon de. **A lei de prevenção de doenças hereditárias e o programa de eutanásia durante a segunda Guerra mundial.** Revista CEJ, Brasília, Ano XII, n. 40, p. 43-51, jan./mar., 2008.

BRASIL, Paula. **O bibliocausto nazista: a destruição de livros judaicos durante o Terceiro Reich.** Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

BURRIN, Philippe. **Hitler e os judeus: gênese de um genocídio.** Editora L&PM; tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre/RS, 1990.

COMAS, Juan. **The racial question in modern science: racial myths.** Unesco Paris, United Nations. Educational, Scientific and Cultural Organization. 1951.

DOBKOWSKI, Michael; WORTMAN, Morris. **A history of Kristallnacht; Historic overview of the november pogrom.** The Two-Thousand Year Road to the Holocaust. Session 8: Kristallnacht. 2009.

EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich.** Tradução de Lúcia Brito. São Paulo; Editora Planeta do Brasil, 2010.

FEST, Joachim. **Hitler vol. 2: 1933 a 1945.** Tradução de Analúcia Teixeira Ribeiro... [et al]. Tradução revista de Eliseu Visconti Neto. 2ª ed, Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2006.

GEARY, Dick. **Hitler e o Nazismo.** Editora Paz e Terra; tradução de Alexandre Kappaun. São Paulo/SP, 2010.

GHIRELLI, Antonio. **Tiranos: de Hitler a PolPot: os homens que ensanguentaram o século 20.** Tradução de Giuseppe D'Angelo e Maria Helena Kühner. Editora Difel, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

GRUNBERGER, Richard. **A história da SS.** Distribuidora Record, Rio de Janeiro, 1970.

HEILBRONNER, Oded. **German or nazi antisemitism?** In: STONE, Dan. The historiography of the holocaust. Palgrave Macmillan UK, p. 9-23, 2004.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf.** 1925.

OELHAFEN, Ingrid von; TATE, Tim. **As crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do programa Lebensborn**. Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo, Editora Contexto, 2017.

RICHARDS, Robert J. **Ernst Haeckel's alleged anti-semitism and contributions to nazi biology**. The University of Chicago, 2007.

ROLAND, Paul. **A vida no Reich: entre o entusiasmo e o medo, o dia a dia das famílias alemãs sob o domínio nazista**. Editora Ediouro, Rio de Janeiro/RJ, 2015.

SZKLARZ, Eduardo. **Nazismo: como ele pôde acontecer**. Editora Abril, São Paulo/SP, 2014.

STAHNISCH, Frank W. **The early eugenics movement and emerging professional psychiatry: conceptual transfers and personal relationship between Germany and North America**. CBMH/BCHM, Volume 31:1, p. 17-40, 2014.

TEN HAVE, Wichert; VAN HAPEREN, Maria. **The holocaust: 1933-1941-1945**. In: The holocaust and other genocides – an introduction. Amsterdam University Press, 2012.

WEIKART, Richard. **The role of Darwinism in nazi racial thought**. German Studies Review 36.3; German Studies Association, 2013.

WEISS, Yfaat. **The transfer agreement and the boycott movement: a jewish dilemma on the eve of the holocaust**. Shoah Resource Center, The Internacional School for Holocaust Studies. Yad Vashem Studies, Vol. XXVI, Jerusalem, pp. 129-172. 1998.

WILDT, M. **Volksgemeinschaft: a modern perspective on national socialist society**. In: STEBER, Martina. Visions of community in Nazi Germany social engineering and private lives. Oxford University Press, 2014.

●

Como citar este artigo (Formato ABNT):

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula de; A mentalidade hitlerista como se formou o ideário político nazista. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2020, vol.14, n.49, p. 615-633. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/02/2020;

Aceito: 20/02/2020.